

A Voz no *Jornal Nacional*¹

Talita Lima Chechin Camacho ARREBOLA²
Christine Pires Nelson de MELLO³

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, PUC - SP

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar as transformações da voz do telejornal *Jornal Nacional da Rede Globo*; nos processos de hibridização da linguagem, a partir das mudanças ocorridas em 27 de abril de 2015, em trechos relevantes que ocorreram esses fenômenos. Como hipótese desta pesquisa acredita-se que a mudança no dispositivo comunicacional da voz dos apresentadores convidam o público a proximidade e vínculo. No entanto as alterações nos processos comunicacionais da voz, não promoveram modificações substanciais no plano discursivo do telejornal. Se por um lado promoveu à abertura de um sentido polissêmico a voz dos comunicadores, por outro houve discretas modificações na linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: voz, mensagem, *Jornal Nacional* .

Introdução

Os programas jornalísticos, na televisão brasileira fazem parte do cotidiano, apresentando notícias, através do discurso jornalístico. Neles as imagens e textos se alinham e são estruturados de acordo com a estética de produção para reforçar a objetividade e a imparcialidade oferecidas ao telespectador. Iluska Coutinho (2008) entende que os noticiários televisivos alcançam grande parte da população “abastecendo” seu repertório, com a inserção de informações e notícias capazes de direcionar as conversas cotidianas.

Desta maneira consideramos que no Brasil quase a totalidade da

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Mestranda do Curso de Comunicação e Semiótica PUC - SP, e-mail: talita.arrebola@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica PUC - SP, e-mail: chris.video@uol.com.br

população tem acesso à televisão⁴ e os telejornais são fontes de informação, que para Juliana Gutmann (2014) tem a função de buscar a compreensão do contexto comunicativo e interpretar os argumentos que são reproduzidos nos programas telejornalísticos, pressupondo a existência de uma experiência comum que norteie o reconhecimento das posições dos sujeitos comunicativos e das conformações espaciais e temporais.

Uma das formas de acesso aos acontecimentos é dado pelas relações entre voz, gestos, posicionamentos de câmera, figurino, uso do ao vivo e entre outros pontos do processo de produção de um telejornal.

A maioria do público "voluntário" vai ao telejornal para saber *o que está acontecendo* nas áreas da política, da economia, da cultura, da ciência, da vida pública, etc. Mas ao colocar em circulação e em confronto as vozes que "relatam" ou "explicam" um conflito, ao tentar encaixar as vozes umas "dentro" das outras, o que faz mais exatamente o telejornal é produzir uma certa *desmontagem* dos discursos a respeito dos acontecimentos. (MACHADO, 2000, p.110)

As diversas vozes que o compõem articula-se com as imagens dos apresentadores, repórteres, cenário, intervenções gráficas, ruídos, narração e música e por isso, Gutmann (2012), afirma que o produto audiovisual é articulado entre os diferentes níveis expressivos, visuais e sonoros. O noticiário televisivo, do ponto de vista material, é regulado pela linguagem audiovisual, que é um aspecto distintivo em relação a outros produtos informativos; com a utilização da voz.

A Voz no telejornalismo

A voz tem um papel fundamental na comunicação e no relacionamento humano. Ela facilita a transmissão da mensagem, podendo ser acompanhada de carga emocional, expressividade e individualidade. O equilíbrio entre razão, sensibilidade, emoções, condições orgânicas e funcionais do aparelho fonador; assim como de todo o corpo, faz com que a voz flua de maneira harmoniosa.

Para Mikhail Bakhtin (2003), o aspecto dialógico, enunciativo, real e concreto da voz, que para ele é a materialização da linguagem humana verbalizada, assim como o estudo da linguagem vai muito além do formal e/ou estrutural. O

⁴ Segundo IBGE 2016: em 2015, o País tinha 68,0 milhões de domicílios particulares permanentes, dos quais 66,1 milhões (97,1%) possuíam aparelho de televisão, apresentando crescimento de 1,5%, mas mantendo a mesma proporção do ano anterior (97,1%).

permanente diálogo travado entre os diversos discursos que circulam na sociedade deve ser visualizado e reconhecido como elemento responsável pela instauração da natureza interdiscursiva da linguagem.

A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é preche de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor (BAKHTIN, 2003, p.290).

Ao considerar que a palavra pode ser um território comum do locutor e do interlocutor, comporta faces, que determinam tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela representa o produto da interação locutor/ouvinte, servindo de expressão em relação ao outro. Segundo o pensador russo⁵, é por meio da palavra que se define está ligação entre as partes; é no perímetro das relações interpessoais, mediadas pela linguagem, que os homens constroem conhecimento e se estabelecem no meio social.

O nosso discurso da vida prática está cheio de palavras de outros. Com algumas delas fundimos inteiramente a nossa voz, esquecendo-nos de quem são; com outras, reforçamos as nossas próprias palavras, aceitando aquelas como autorizadas para nós; por último, revestimos terceiras das nossas próprias intenções, que são estranhas e hostis a elas. (BAKHTIN, 1995, p.181)

Conseqüentemente a voz pode ser um fator que influência na conquista da credibilidade, da questão da leitura na apresentação dos telejornais ainda é um dos aspectos que mais interferem na naturalidade do telejornal e de um padrão de emissão que transmita confiança aos telespectadores, fazendo-os acreditar nas notícias e nos profissionais que as relatam e dão credibilidade. Para Claudia Cotes (2000) a voz tem esta relação com a credibilidade e que é possível mapear os efeitos de credibilidade na voz dos jornalistas.

A credibilidade do telejornal é influenciada diretamente pela confiança que os espectadores depositam nos seus apresentadores. Ivana Fachine (2008b) comenta que embora os telespectadores possam considerar-se influenciados pelos apresentadores dos telejornais; estes divulgam diferentemente dos profissionais que desempenham este papel em outros gêneros, constroem sua imagem numa constante

⁵ Mikhail Bakhtin

tensão entre a “objetividade” e “imparcialidade” da prática jornalística e a autopromoção e glamourização inerentes à televisão.

A confiabilidade na qual o telejornalismo se sustenta está diretamente relacionada à credibilidade do próprio meio, que pela lógica de *Ciro Marcondes Filho* (1988), se coloca na vida das pessoas e as retira do mundo, as envolvendo com a magia provocada pela linguagem televisual.

A magia do aparelho como veículo de modernidade, de moda, de imputação de prestígio, de “informação”, soma-se a magia dos dominadores do código. Já se viu que a TV é ritual. É ligada sempre a mesma hora, não exatamente para se assistir a algum programa especial, mas simplesmente porque “tem que se ligar a televisão”. Ela também se impõe as pessoas enquanto aparelhos. O teórico canadense *Marshall McLuhan* possuía para isso uma frase famosa: “o meio é a mensagem” (MARCONDES FILHO, 1988, p.112).

Ao colocar o meio como mensagem *McLuhan* remete o conteúdo ao meio e a forma, fazendo com que ocorra transformações sociais e culturais resultantes de novos padrões. O que para *Paul Zumthor* (2000) põe em evidência uma dimensão de atuação em que a voz, o corpo e a presença atuam no texto e são acessados no ato de leitura, no qual é compreendido como performance, sendo caracterizado pelas relações sociais passando pelas teorias contemporâneas da estética, da comunicação e da cultura.

A voz nos telejornais, é uma mistura de leitura, a partir do uso do teleprompter⁶ e de comentários dos âncoras, no qual tem a preocupação em manter a audiência conquistada, pois com o advento do controle remoto o próprio telespectador se torna o diretor de sua programação.

Para *Fechine* (2008a), a voz é uma marca da personalidade e da corporeidade do sujeito televisivo, o que facilita a construção de uma identidade com efeito de presença durante o tempo da programação da televisão. “No telejornal, a voz relatora permanece sempre atada a um corpo, corpo este submetido, como os demais ao seu redor, às leis do espaço físico onde ele está situado” (MACHADO, 2000).

Além da credibilidade, segundo *Carine Klein* e *Donesca Calligaro* (2010), os profissionais do jornalismo que trabalham diante das câmeras criam uma relação de intimidade com o público espectador. Embora não seja a principal atração do telejornal, os apresentadores acabam se tornando alvo da atenção. Já a bancada tem sido à marca para a apresentação dos telejornais brasileiros, a qual junto com ao cenário

⁶ Teleprompter: equipamento que permite a reprodução do script sobre a câmera (PATERNOSTRO, 2006).

trazem equilíbrio e organização ao programa.

A função do apresentador é divulgar as notícias narrando-as, já o âncora além de apresentar a informação, interpreta, emitindo opinião sobre os acontecimentos pautados. Com isto a voz baliza as posições que os profissionais emitem no processo de articulação da enunciação (FECHINE, 2008c). Dessa maneira,

A menos que nós próprios sejamos os protagonistas, os eventos surgem para nós, espectadores, mediados através de repórteres (literalmente: aqueles que reportam, aqueles que contam o que viram), porta-vozes, testemunhas oculares e toda uma multidão de sujeitos falantes considerados competentes para construir "versões" do que acontece. Houve um tempo em que um certo cinema *vérité* acreditou poder deixar o evento falar por si mesmo, com as vozes que já o constituem e com as imagens que já o definem, sem intervenção explícita dos realizadores e com um mínimo de mediação. No telejornal, entretanto, só existem mediações; os próprios enunciados de repórteres e protagonistas aparecem como mediações inevitáveis (MACHADO, 2000, p.102).

Como Machado reforça a ideia de que as atividades jornalísticas refletem a realidade, suas dimensões simbólicas, consolidando a credibilidade como comentado por Beatriz Becker (2005), que

(...) para a maioria dos telespectadores e leitores, a credibilidade da notícia na TV é menos contestada que a da imprensa escrita, mas não para o analista. Para quem está atento a linguagem do telejornal, é nesta característica da cobertura, de "estar perto da notícia", e nesse "ver as notícias", aparentemente natural, que se constrói um discurso próprio, marcado pela irrefutabilidade do fato. Mas, sabemos, você e eu, que a comunicação é um duelo constante de convencimentos, sob as crenças de quem ouve os valores de quem diz (BECKER, 2005, p.53).

Desta maneira, a linguagem não é somente uma dimensão constitutiva do telejornalismo, mas a condição pela qual ele constrói um real midiático. Grande parte da imagem de confiabilidade que os jornalistas possuem junto a população se dá com base nos conteúdos noticiosos e na relevância dos mesmos. O que para Itanea Gomes (2006) “essa confiança supõe a possibilidade de conhecimento verdadeiro e a capacidade de julgamento de relevância dos fatos e supõe também a credibilidade dos jornalistas e das organizações jornalísticas“. Mas vale salientar que os critérios de relevância aos quais a sociedade está acostumada também são construídos socialmente e reforçados pela própria mídia cotidianamente. O tom atribuído aos assuntos tratados no telejornal também reafirmam questões da seriedade e da sobrevivência. Como comenta Duarte e Cruvello (2009)

(...) o tom principal, expectativa de um subgênero como o telejornal, é o de seriedade, pois ele confere efeitos de sentido de verdade, confiabilidade, credibilidade ao que está sendo noticiado. A esse tom principal, agregam-se tons complementares, tais como formalidade, neutralidade, contração, profundidade (DUARTE; CURVELLO, 2009, p.64)

O uso da voz e da fala no telejornalismo valorizam as sequências noticiadas. “Empiricamente, o modo mais frequente de se estabelecer no telejornal delegação de voz é a convocação de um repórter ao qual cabe a narrativa do fato” (FECHINE, 2008^a, p.141). Estas são marcadas por profissionais que introduzem informações, alinham os depoimentos e concluem as reportagens. Sendo que estas são apresentadas e até comentadas nas bancadas dos telejornais.

ESTUDO DE CASO

Para fins desta pesquisa, toma-se como referência para análise da voz no *Jornal Nacional*, na edição do dia 27 de abril de 2015, primeira exibição do novo perfil de apresentação do telejornal. Com isto formulou-se a hipótese de que a voz do telejornal pode ser um fator que influencia na credibilidade do *Jornal Nacional*.

As novas formas de relacionamento da voz, no telejornalismo estão associadas às mudanças na produção do conteúdo televisivo, a voz é multifacetada e está em constante movimento e suas formas são descentralizadas, o que subsidia a compreensão simbólica dos múltiplos fatores que influenciam nas relações de credibilidade e intimidade do telejornal. Segundo Olga Curado (2002), ela identifica “o apresentador, ou o repórter, falam individual e diretamente como espectador. Tem-lhe proximidade e inspira-lhe confiança”, como exemplo da edição de 27 de abril de 2015

Renata Vasconcelos (cabeça⁷) - O desespero pra sair de Katmandu é grande. As pessoas se aglomeram nos aeroportos e rodoviárias da capital nepalesa. É isso que a gente vê na reportagem da Carol Barcellos e do Cláudio Carneiro.

Carol Barcelos (Off⁸) - Como deixar o pesadelo para trás, mesmo que seja por alguns quilômetros? Os ônibus que partem de Katmandu saem lotados. Alguns vão para cidades vizinhas, que foram menos atingidas pelo terremoto. (JORNAL NACIONAL, 27/04/2015)

⁷ Cabeça: é a abertura da matéria (PATERNOSTRO, 2006)

⁸ Off: texto gravado pelo repórter ou apresentador para ser editado junto com as imagens da reportagem (PATERNOSTRO, 2006).

Um exemplo da presença da voz ao estabelecer o “alinhar” das narrativas é a introdução e o início da matéria, estas são marcas do uso da voz como linha condutora da reportagem. O diálogo é identificado na ação entre diferentes sujeitos, que assumem a palavra como mecanismo intimamente relacionado às ações que buscam proximidade e confiança para o que é divulgado no programa.

Os telejornais vêm constantemente trabalhando suas políticas editoriais para construir a confiabilidade e a credibilidade do telejornal. O *Jornal Nacional*, um dos principais programas jornalísticos do país, vem realizando estas alterações, seu visual, sua linguagem, seus conteúdos e sua maneira de se relacionar com os telespectadores de modo a responder às transformações da sociedade brasileira e se adequar as novas tecnológicas (GOMES, 2011).

Nesse caminho em 27 de abril de 2015 o *Jornal Nacional*, tentou transformar sua maneira de apresentação e transmissão do conteúdo jornalístico; alterando a “voz” do telejornal, além das transformações de performance dos apresentadores e repórteres. As recentes mudanças produzidas pelas tecnologias emergentes de comunicação introduziram diferentes possibilidades de tratamento da imagem e alterações significativas no processo de produção e consumo de informações televisuais.

Willian Bonner- Olha, *a gente testemunhou*, ontem, não só a voz muito abalado do Cleiton, ainda está abalada, mas também o susto enorme que você levou, não é Carol? A pergunta que eu queria fazer agora. Quer dizer vocês estão em *uma situação muito, muito difícil. A gente está acompanhando e solidários aqui*. O que eu queria saber de vocês é por que ontem o Cleiton mencionou que tinha comprado 100 garrafas de água, pra vocês e pra quem mais precisasse. Como é a situação neste momento de carência de mantimentos, dificuldades para conseguir água mantimentos aí em Katmandu? (*JORNAL NACIONAL*, 27/04/2015 – grifo da autora)

Ao observarmos as vozes presentes no recorte do diálogo do apresentador Willian Bonner com os jornalistas Carol Barcelos e Cleiton Conservani, podemos observar a busca de manter a confiabilidade e a credibilidade do telejornal apresentando as dificuldades que estes profissionais estão passando, além de ressaltar que “*A gente está acompanhando e solidários aqui*”, não só a equipe de reportagem do *Jornal Nacional*, mas também os espectadores do telejornal, e até se “colocando” no lugar dos jornalistas que estavam no local, no terremoto.

Os novos formatos de notícias que incorporam a linguagem audiovisual e os recursos de multimídia demandam um aprofundamento da reflexão sobre a aplicação do conceito de gênero com características narrativas estáveis e sobre as práticas do telejornalismo audiovisual. Ela é apresentada como sendo a realidade e, mesmo que o público perceba que se trata de uma versão da realidade, dificilmente terá acesso aos critérios de decisão que orientaram a equipe de jornalistas para construí-la (BECKER, 2009).

No entanto, Temer (2009) entende que a sociedade está em permanente transformação, juntamente com os gêneros, não apenas no que diz respeito a seu conteúdo interno, por meio da incorporação de novos formatos, mas quanto à forma de produção. Eles se reestruturam a partir de processos de hibridização, ou seja, práticas e conteúdos estruturados e consolidados que funcionam de forma separada e combina-se para dar origem a novas situações.

A voz tem um papel fundamental na comunicação. Ela facilita a transmissão da mensagem, podendo ser acompanhada de carga emocional, expressividade e individualidades. É por meio da palavra, segundo Bakhtin (2003), que as relações interpessoais são mediadas pela linguagem e que os homens constroem conhecimento e se estabelecem no meio social.

Desta maneira a voz influencia a credibilidade do telejornal, através da confiança que os espectadores depositam na maneira de transmissão de conteúdo pelos apresentadores. A voz é uma marca da personalidade e da corporeidade do jornalista, o que facilita a construção de uma identidade com efeito de presença durante o tempo da programação da televisão.

Renata Vasconcelos - *Agora a gente vai ver a previsão do tempo e de um jeito diferente.* Porque a partir de hoje quem vai tratar da previsão do tempo é a Maria Julia Coutinho, que vai falar ao vivo. Vai conversar todos os dias com a gente no *Jornal Nacional*. Boa noite Maria Julia, primeiramente a gente quer saber se essa chuva vai parar ou se ela vai continuar, em Salvador. (JORNAL NACIONAL, 27/04/2015)

FIGURA 01: Saída da Bancada



Cabeça da previsão do tempo do dia 27 de abril de 2015.

Fonte: Reprodução da TV. (<http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2015/04/27.html>)

As imagens (Figura 01) e o texto apresentado pela jornalista Renata Vasconcelos, buscam aproximar ao público às mudanças que estavam ocorrendo e que permaneceriam nas próximas edições do *Jornal Nacional*. A voz da apresentadora é uma marca da personalidade, nesta situação Renata Vasconcelos apresenta “a nova casa” e o novo “cômodo”, os estúdios de São Paulo; e ainda expõe o cenário e como será a apresentação da previsão do tempo, sem contar a presença do corpo das jornalistas, buscando construir cenas de intimidade.

Considerações Finais

Estes profissionais criam uma relação de proximidade com o público refletindo a uma realidade com dimensões simbólicas, consolidando a credibilidade dos apresentadores. Ao analisar o uso da voz na apresentação do telejornal, coloca-se em evidência a enunciação, a transmissão da mensagem, expressas nas relações sociais, culturais e emocionais buscando manter a credibilidade do telejornal.

Com as alterações apresentadas pelo *Jornal Nacional* em abril de 2015, transformando sua política editorial, seu visual e sua linguagem. A maneira de comunicação passa a ser entendida como processo discursivo e os sentidos são produzidos em cada ato verbal; as relações sociais são o lugar de produção do sentido.

A voz dos apresentadores noticia, cria, contextualiza e atinge os telespectadores na busca de construir e manter a credibilidade do telejornal.

Dessa forma passa existir uma mudança na voz dos profissionais, e estes agem como apresentadores do telejornal, íntimos de seus colegas de trabalho; e “amigos” dos internautas. No entanto, com todas as mudanças ocorridas em sua história: estrutural, de linguagem e formato mantem o características do início do programa; não alterando a voz do telejornal.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

BECKER, B. **A linguagem do telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil**. Editora E-papers, 2005.

_____. **Jornalismo audiovisual de qualidade: um conceito em construção**. **Estudos em Jornalismo e Mídia** - Ano VI - n. 2 pp. 95 - 111 jul./dez. 2009

COTES, C. **A Expressividade no Telejornalismo Brasileiro**. In: GAMA, Ana Cristina Côrtes; KYRILLOS, Leny; FEIJÓ, Deborah. **Fonoaudiologia e Telejornalismo: relatos do IV Encontro Nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo**. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

COUTINHO, I. **Telejornalismo e (re)produção do conhecimento no Brasil**. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação**. 2, 2, dez, 2008. Disponível em <www.ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina>. Acesso em 27 abr 2013.

CURADO, O. **A notícia na Tv**. São Paulo: Alegro, 2002

DUARTE, E B; CURVELLO, Vanessa. **TELEJORNAIS: quem dá o tom? Televisão e realidade / Itania Maria Mota Gomes (Organização)**. Salvador: EDUFBA, 2009.

FECHINE, Y. (a). **Televisão e presença: uma abordagem semiótica da transmissão direta**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

_____(b). **A nova retórica dos telejornais: uma discussão sobre o éthos dos apresentadores**. In: VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...**

Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação: São Paulo, 2008.

_____(c). Performance dos apresentadores do telejornal: a construção do ethos. **Revista Famecos**. Porto Alegre, 36, 2008.

GOMES, I M M (Org). **Generos Televisivos e modos de endereçamento no Telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011

_____. Telejornalismo de qualidade: pressupostos teórico metodológicos para análise. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, 6, ag., 2006.

GUTMANN, J F. Entre tecnicidades e ritualidades: formas contemporâneas de performatização da notícia na televisão. **Revista Galáxia**, n. 28, dez, p. 108-120. 2014.

_____. **Formas do telejornal: um estudo das articulações entre valores jornalísticos e linguagem televisiva**. 2012. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal: 2015**. Coordenação de Trabalho e Rendimento. – Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Acesso em: 30 abr 2018. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv99054.pdf>>

KLEIN, C L; CALLIGARO, D. O perfil do apresentador de telejornal: uma análise dos profissionais do Bom Dia Rio Grande sobre características de linguagem verbal e não-verbal. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Anais... XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0754-1.pdf>>. Acesso em: 15 mai 20167

MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.

MARCONDES FILHO, C. **Televisão – A vida pelo vídeo**. São Paulo: Moderna, 1988.

PATERNOSTRO, V Í. **O texto na TV – Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro. Ed. Campus, 2006.

TEMER. A C R P. De tudo um pouco: o telejornalismo e a mistura dos gêneros. **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**. Ano 13 n.13, p. 97-111, jan/dez. 2009.

ZUMTHOR, P. **Introdução à Poesia Oral**. Belo Horizonte: Ed. UFM. 2000.